

ARQUITETURA NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: A FORMAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO DE ESPAÇO

Prof. Angela Carneiro, escritora de livros infanto-juvenis, prêmio Jabuti 93, prêmio SPCA entre outros, Mestre em Educação, Prof. Adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo-UFRJ

ABSTRACT :

Every single children's story takes place in a certain setting. When one thinks about fairy tales, for example, one immediately flies to an imaginary castle or to an enchanted forest. Sometimes the architecture itself is the main character, as with a Haunted Mansion. This essay tries to establish the setting in which modern Brazilian children's literature takes place. After reading more than five hundred children's books, the author found that, in contemporary children's books, the main character lives in an apartment building, has his own bedroom and a living room with a TV set. He or she comes from the middle class. The grandmother's house also takes on a very important role. That is where all the pure things in life happen. They justify the creation of an imaginary place filled with magic corners, and quarters as Bachelard said.

1-Introdução ou hall de entrada

In a hole in the ground there lived a hobbit. Not a nasty, dirty, wet hole, filled with the ends of worms and an oozy smell, not yet a dry, bare, sandy hole with nothing in it to sit down on or to eat; it was a hobbit-hole, and that means comfort.

J.R.R. Tolkien

Este é o início de *Hobbit*, livro de Tolkien. Talvez o trecho mais citado em manuais, antologias, seleções literárias como exemplo de uma das mais bem escritas introduções de romance. Temos de concordar. Todo ele é perfeito, o tamanho, o som das palavras, o jogo entre elas, os contrastes que oferece, e a exata expressão

de iniciar, de entrada, de recepção: a apresentação da casa de um hobbit. Esta casa ocupa tanto o autor quanto o leitor para a localização deste hobbit que até então só existe na imaginação de Tolkien. E ele é claro: a toca de um hobbit significa conforto. E explica o conforto pelas negações: não é seco, não é molhado, não é vazio sem lugar para sentar ou comer, não possui restos de minhocas nem cheiro estranho.

Estabelecido o conceito de conforto, o autor detalha : possui uma porta perfeitamente redonda pintada de verde com uma maçaneta bem no meio. A porta se abre para um túnel tubular todo acarpetado com muitos cabides para chapéus e casacos e cadeiras. Este corredor-túnel segue ondulado até a colina onde várias portas redondas existem. Nada de subidas , quartos, banheiros, despensas, cozinhas, salas de jantar, tudo no mesmo plano e na mesma passagem. Os melhores cômodos ficam no lado esquerdo de quem chega, possuem janelas redondas com vista para o jardim.

Pronto! agora com o cenário estabelecido, a história prossegue. E, sempre que novo espaço é necessário, segue-se uma explicação.

Tolkien é pródigo em seus ambientes, tanto que o *Dicionário dos Lugares Imaginários* tem em Tolkien o maior número de verbetes, chega a ganhar de Júlio Verne, e só o livro acima citado merece 17 referências.

Ao ler a descrição da toca de um hobbit, somos introduzidos no universo deste ser imaginário pela porta, e uma porta redonda. Claro que não podemos falar de arquitetura e literatura sem buscarmos apoio em Bachelard, especificamente em seu delicioso livro *A Poética do Espaço*. Nele, o último capítulo é inteiramente dedicado à fenomenologia do redondo onde , após algum esforço racional, afirma que *tudo o que é redondo lembra o carinho* . Podemos agora deitar confortavelmente e sermos levados ao mundo dos hobbits sem susto.

Como é importante para o leitor a ambientação dos textos literários! Como nosso imaginário foi construído pelos espaços criados por autores! Como escapamos pelas frestas de livros, tocas de coelhos de Alice, maxi universos em botas de Pequeno Polegar, deitamos em cascas de nozes, e assim, pudemos, quando pequenos, levantar nossas barracas sob lençóis presos nas cadeiras exatamente do nosso tamanho da mesma forma que acomodamos nossas bonecas em caixas de sapato iguais a camas de dosséis. Nosso mundo em miniatura, a casa de bonecas, a cristaleira da avó, as gavetas de caixas de fósforos vazias, exatamente como Liliput. Exatamente como nós em cadeiras baixas, feitas para nós, sem pés balançando, com mesas ao nosso alcance.

102 Crescemos e mantivemos o imaginário, agora talvez como sábios adultos, transformado. Em coleções, em sonhos, em viagens, em desejos, mas lá, firme, o prazer da visita à Terra do Nunca, ou à Ilha do Tesouro, ou a Eldorado. Quanto mais

próximo chegamos a este prazer implantado na infância, mais realizados nos achamos. Ou não? E tudo, graças à literatura e seus espaços maravilhosos!

2- Os Blocos

Tenho nas minhas mãos de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi *The Dictionary of Imaginary Places*, livro onde os pesquisadores tentaram reunir o maior número possível de referências sobre os locais criados pela literatura universal. Chegam a apresentar o mapa da Terra do Nunca, detalhes da Cidade Invisível de Calvino. Tenho também a edição francesa da *Arquitetura na História em Quadrinhos*, compilação de imagens de talentosos cartunistas. E tenho o livro *International Literary Houses*, onde artistas diversos tentam traduzir em imagens, não ilustrações, as casas famosas da ficção literária, como *O vento Levou*, o *Leopardo*, ou o *Castelo de Kafka*. Tudo detalhadamente, a planta baixa, a fachada, a decoração dos ambientes. Tais obras demonstram como a palavra tem forma, peso, volume, cor. Demonstram como isso é importante para a construção do imaginário. Sempre a palavra e a ilustração. Se a ilustração física falta, ela se estende na imaginação.

Ela se estende na imaginação, assim como o pai que lê à noite para o filho os contos da carochinha, os contos de fada, as histórias para dormir e sonhar, e o menino em sua cama visita a casa de doces de Joãozinho e Maria, ou a casa na árvore de tantas histórias. Com isso, este menino vai construindo o seu espaço ideal, onde há a segurança da voz do pai e o conforto da cama misturados na mágica da fantasia.

Verifico que podemos classificar as ambientações prediletas da literatura infantil (talvez a de adulto também) em três espaços genéricos com suas próprias subdivisões :

- o fantástico : que pode ser urbano ou residencial (uma cidade de cristal ou a casa de doces numa floresta possível ; a toca do coelho humanizado ; a residência nas nuvens);

- o cenário de época: que tanto pode ser do passado (como um castelo medieval) quanto no futuro (a nave espacial) e

- o experienciado : o rural e o urbano.

Muitas vezes o autor infantil se apropria da arquitetura subvertendo sua função de ambientadora para a ação transformando-a em personagem, como as Casas Mal-assombradas, ou as florestas encantadas, ou mesmo partes da decoração, como o Sofá estampado, ou a Cristaleira, ou o famoso Limpador de Chaminés de Andersen.

O universo é vasto e igualmente importante para a construção do imaginário. Vamos aos poucos reduzindo nosso campo de interesse, selecionando o que plantar nessa fazenda.

Dentre a vasta literatura infantil, fiquemos com os autores nacionais, embora tenhamos consciência da importância dos contos medievais na cabeça das crianças. O que realmente me interessa é saber que espaço estão oferecendo nossos autores hoje para os pequenos leitores. Não falo dos autores juvenis, geralmente realistas, preocupados com o sexo, as drogas, as dúvidas, o rock and roll, pois estes já estão lidando com um público que vivenciou um espaço literário, já tem sua casa na árvore, já tem o quarto de brinquedos ou o sótão dos guardados ou a passagem secreta. Fiquemos com aqueles livros dedicados às crianças mesmo, àquelas que ainda não ingressaram na puberdade.

Entre estes autores, também deixemos de lado os que se dedicam aos ambientes fantásticos; destes, paradoxalmente, já conhecemos o poder! Já sabemos como nos intrigam com seus mundos em tocas de coelhos, em recantos de fadas. E, neste nove-fora, ficam os espaços rurais meio abandonados pois neles as *cabras pastam solenes nos jardins*, ou não, como o Sítio do Pica Pau Amarelo, lugar de duelos intelectuais entre Dona Benta e Don Quixote. Fiquemos principalmente com os lares urbanos. Onde habita a criança de hoje na literatura?

3- A casa da avó



Falei no capítulo anterior que deixaria de lado os ambientes da roça, mas tenho de falar do Sítio do Pica-pau Amarelo como a casa da avó:

Numa casinha branca, lá no Sítio do Pica-pau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de stinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: - Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... (...) Além da boneca, o outro encanto da menina é o ribeirão que passa pelos fundos do pomar...

(Uma ligeira digressão: as avós mudaram! *mais de sessenta anos* diz Monteiro Lobato logo na apresentação do primeiro livro que contaria as aventuras de Pedrinho, Narizinho, Emília. A avó tem óculos e costura. Ziraldo, recentemente, escreveu o seu Vovó Delícia, falando sobre a mesma avó, só que agora usa calça jeans e tem namorado.)

A casa da avó, desde Monteiro Lobato, está presente na nossa literatura infantil. É o espaço do colo, do regaço, do passaporte para o passado e da comida caseira. Mesmo quando a avó não é de verdade, autores que se localizam em cidades, inventam uma casa espremida entre prédios onde uma velha habita, velha tida como feiticeira, que acaba se revelando uma avozinha encantadora cheia de potes de compota.

Você já ouviu falar em floresta de cimento? é assim que algumas pessoas chamam as cidades muito grandes. No meio de muitos edifícios grossos, havia uma casa velha com um jardimzinho, umas árvores, uma grade toda enfeitada" (Ana Maria Machado A Velha Misteriosa - Salamandra)

Roseana Murray em seu livro Casas (Formato) diz *Dentro da casa da avó, todos os caminhos vão dar no país do luar.*

Marina Martinez já no próprio título de seu livro explica *Casa de Vó é sempre domingo (Nova Fronteira)*

Acaba sendo tão importante para o autor de livros infantis criar um espaço com cantos, escadas, sótãos, que se na história não cabe, o personagem desenha

Era uma vez um menino que gostava muito de desenhar e de criar gente, bichos e coisas. Uma tarde o menino desenhou uma casa muito grande, com sótão e porão (Mundo criado, trabalho dobrado - Elias José, ed. Atual)

Creio que esta casa é aquela que Bachelard nos fala,

quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradias, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção.

E continua:

é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios.

E este espaço se materializa na casa da avó. Uma casa com móveis antigos, cheia de objetos com histórias. Uma casa sem *freezer*, sem forno de microondas, sem pressa ou bilhetes na geladeira. Este é um dos cenários prediletos da literatura infantil, seja na cidade ou no campo, a desculpa para correrias, para trilhos de trem, para qualquer coisa que não seja fumaça.

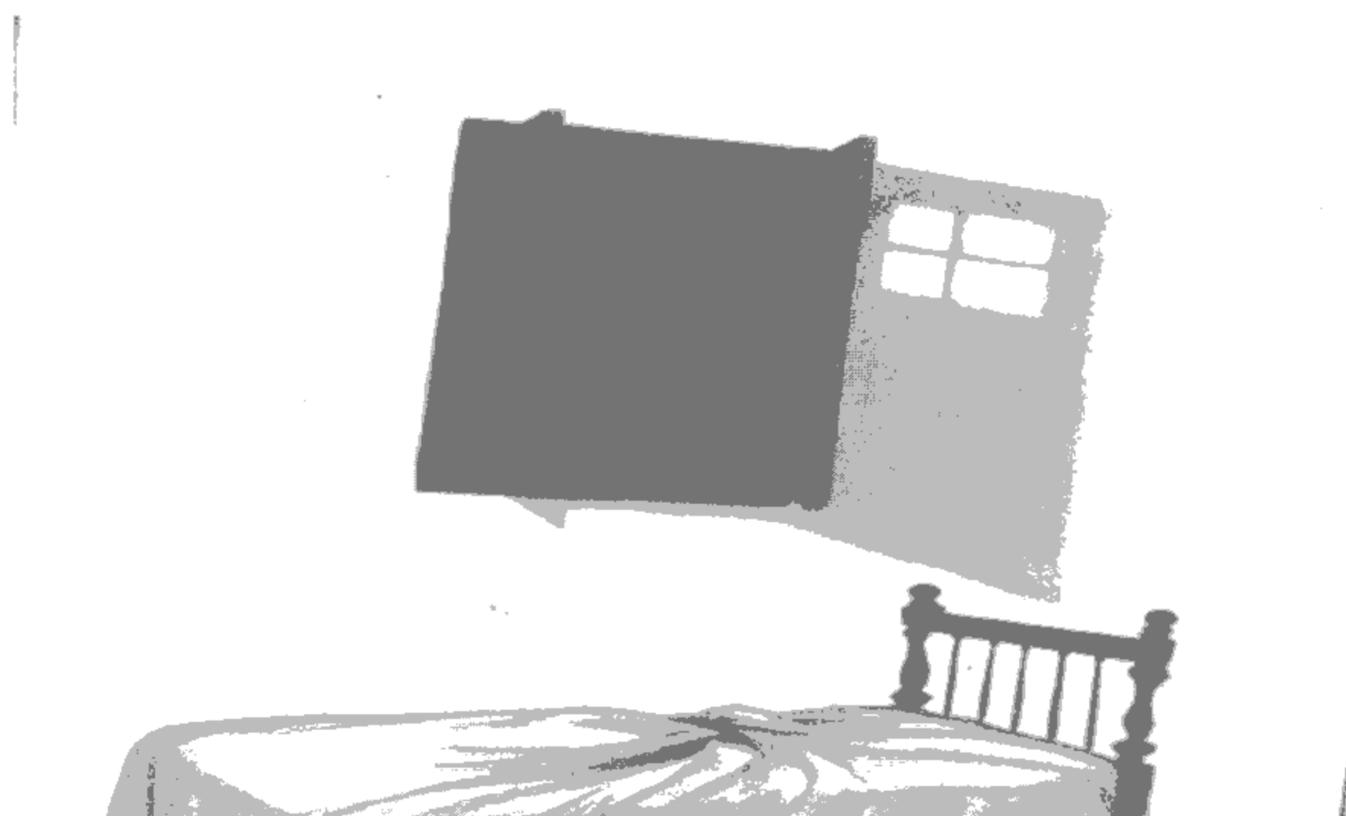
Em *O Inventor de Palavras* (José Olympio), sem sentir, criei a casa da avó. Era a casa da Tia, fora da cidade grande, um refúgio na cidade do interior. A casa da tia Lalá, onde canecas de ágata existem e bolos feitos em casa, portas de armários rangem como na casa da avó.

Creio que *A Casa da avó* mais emblemática da atual literatura infantil nacional seja o cenário do premiado livro de Graziela Bozano Hetzel (Ediouro) *A cristaleira*.

A cristaleira é amor antigo, renovado a cada encontro(..) as tulipas verde-azuladas de opalinas têm folhas pintadas, os pingentes brilham,(...) a vitrine está lá entre as duas grandes portas que dão para a varanda

Esta é a perfeita casa da avó. Avó rica, com lustre de opalina, com espelhos, com penteadeira, com objetos que contam histórias e, principalmente, servem de colo, de fuga. O livro não conta, mas ficamos com a impressão de que menina, mãe e pai moram com esta rica avó, pois a menina tem *seu quarto*, ela se arruma para ir à escola. Mas é a casa da avó com seu colo amoroso; a avó e seus objetos ajudam a menina esquecer, fugir da briga dos pais:

Já assisti à outra, bem quieta no alto da escada(..)melhor esquecer (...) viajar para bem longe, montada nos unicórnios que moram nas histórias da avó. Voz serena colo quente e macio.



4- O Meu Quarto



Outro ambiente importantíssimo na literatura infantil é o *meu quarto*. O quarto do personagem. Mesmo quando o personagem possui irmãos, pelo menos nos mais de quinhentos livros que li para este ensaio, o quarto é sempre do personagem. Não é importante que seja ou não dividido. Não se fala na cama do irmão, nada. E o *meu quarto* é o espaço individual. Se a casa da avó era o local do colo, o meu quarto é o local da alma. Bate-se a porta do quarto e se tranca nele. Não importa o motivo. É no quarto que se trabalha a raiva, se esconde, dorme ou pensa. É o lugar também onde se tem medo e onde se livra do medo. *O menino que tinha medo de tudo*, de Tania Carvalho (Melhoramentos, 89) passava o dia em seu quarto trancado a sete chaves, só mesmo uma gaivota pousava no seu quarto. Leny Werneck conta a história de Faco que

não podia se mexer à vontade, nem fazer barulho. Qualquer descuido, um braço ou uma perna de fora e nhaque! É verdade que o tigre também ficava bem quieto, embaixo na cama.

A vó chegava para dizer reza-pro-anjo-da-guarda.

De dia Faco estava sempre ocupado, tinha desenho pra fazer, irmão pra implicar, televisão para olhar, mãe pra pedir me-dá-o-lanche depressa! Tinha cachorro e passarinho, pipa e bola de gude, tanta coisa! E tinha escola, é claro. Lá eles às vezes lembrava do tigre.

(Embaixo da Cama, ed. Melhoramentos)

Mesmo com irmãos, a avó chegava para botá-lo para dormir, para espantar o medo do tigre embaixo da cama. O quarto é do personagem. Ana Maria Machado fala do medo das sombras na parede do quarto em *O Domador de Monstros* (Salamandra,91)

ficou olhando as manchas que a sombra das árvores lá de fora iam formando na parede do quarto.

E vai domando o medo dos monstros de sombra, e vai verificando que o vento, ao balançar as folhas, dá vários olhos e braços aos monstros tornando-os bem engraçados.

Do quarto também se foge para pegar estrela, como Guta de Leo Cunha em *Em boca fechada não entra estrela*. História passada em fazenda de céu estrelado, Guta tem seu quarto , onde chora num canto , elabora seu plano de fuga e dele sai. Pela janela também fogem gritos, (A Invasão das Borboletas, Angela Lago, RHJ)

seus gritos escapuliram pela janela acordei com alguém berrando da cozinha, desci as escadas apavorado .

E a coisa mais importante do quarto é a cama. Não é armário, não é escrivaninha. É cama e janela. Quarto de livro para criança tem cama e janela. É do tamanho do pensamento da criança, é o local da individualidade.

E ao raiar do dia

o Zé não arredava o pé

do quarto onde dormia

o lençol era esticado

a cama era forrada

com uma colcha bordada

uma almofada coração

· repousava no colchão

(Fatima Miguez, *A cama que não lava o pé*, Difusão Cultural do Livro, 98)

Guto está em seu quarto quando a lua entra por sua janela para propor-lhe a Missão (*Qual o Caminho do Sol?* Angela Carneiro e Malu Alexim, J.O) Fanny Abramovich também empurra seu personagem irritado para seu quarto ,embora tenha irmão (Baita Irritação, Ediouro 98) *Chegou em casa, despencou na poltrona, ligou a TV, foi pro seu quarto. Mais tarde divide, como se lembrasse do irmão , mesmo assim, o simbólico do Meu Quarto permanece, vejam só: Zeca para o quarto dos pais, Quico pro deles dois. Zeca se trancou no quarto. Quem é que na realidade se trancaria no quarto dos pais e não no seu próprio?*

E os exemplos não parariam nunca: há história? há menino na história? pois alguma hora ele vai para o SEU quarto.

5- O prédio



O personagem do livro infantil é classe média. Mora em prédio com vizinhos no mesmo andar, seu edifício tem *play*, tem porteiro, vigia e síndico. Ana Lucia Brandão, em *Conta uma história?* (Paulinas, 97) fala do vigia noturno do prédio que contava histórias. Celso Sisto em seu livro *Assim é Fogo!* (nova Fronteira) traz duas histórias. A primeira intitulada *É fogo!* o menino se tranca no banheiro, apesar da fila do lado de fora, com pai e mãe querendo entrar. Sim, é classe média, tem avó, tem empregada e um único banheiro.

Em sua segunda história, *365 dias de novo?* sabemos que há um sofá branco na sala de visitas onde não se deve colocar os pés; sabemos que mesinha de telefone não é local para se deixar uniforme, e que ele tem uma vizinha de 80 anos com campanha feita para ser tocada. Era primeiro de janeiro, e o personagem Daniel estava louco para se juntar com a meninada do prédio. Sonia Junqueira, com seu *O dia em que o Super Herói visitou a minha casa* (Formato), também descreve um prédio, vários apartamentos por andar, vizinhos, campanhas, elevador: *Do sexto andar onde morava eu podia ver prédios e telhados brilhantes* Na realidade a personagem se espanta em saber que o super-herói mora em seu prédio. E é em um prédio com uma amiga vizinha de porta que mora o personagem de Rosa Amanda Strauzs no fabuloso *Mamãe trouxe um Lobo para casa*

Outro livro emblemático para esta moradia da literatura infantil é *Praga de Unicórnio* de Ana Maria Machado (Nova Fronteira) Começa exatamente assim: *Até que o edifício era bom (na opinião dos grandes)*. Detalhes da construção são acrescentados: garagem, esquadria de alumínio, vidro fumê, *playground*, nome em inglês, *neca de terra nem de areia nem nada*. Na entrada do prédio tinha uma palmeira no vaso. O prédio moderno é o maior personagem do livro, pois este prédio exige um

síndico, que exige uma ordem, que proíbe bicho.. aí surgem os unicórnios para atazanar o síndico.

Este prédio moderno precisa de segurança. Há grades, há porteiro eletrônico, há olho mágico em todas as portas. Detalhes realistas nas histórias, mesmo se for para encontrar um Super herói no corredor escuro : *a luz do corredor do prédio onde moro é programada pra ficar acendendo e apagando*, descreve Sonia Junqueira . Mesmo se for o pai: *estava na sala vendo tevê, era a hora da mãe chegar. A companhia toca, eu pensei que era ela, abri a porta sem olhar no olho mágico* (Marcia Leite, *Muito prazer, pai. Formato, 98*) O autor sente necessidade de explicar que é necessário olhar pelo olho mágico : uma forma de realismo ou por didatismo? Talvez ambos.

6-A construção

Vinícius de Moraes em sua Arca de Noé descreve:

era uma casa muito engraçada/não tinha teto, não tinha nada./ Ninguém podia entrar nela não/porque a casa não tinha chão.

Alguns livros infantis dão como endereço de seus personagens negações de moradias, ou por fantasia, ou por simbolismo. Em o delicioso e importantíssimo livro *O Equilibrista* , de Fernanda Lopes de Almeida (Atica,83) a moradia é simbólica:

Tinha nascido numa casa construída sobre o fio. E já tinha nascido avisado de que a casa podia desmoronar a qualquer momento. Mas logo percebeu que não havia nenhum outro lugar para ele morar.(.....) É verdade que , às vezes, o equilibrista ficava morrendo de inveja de quem tinha um chão. Mesmo que fosse feinho . Chão de cimento é feio, mas que comodidade!

Roseana Murray em seu livro *Casas(Formato)* traça poemas sobre diversas moradias: *Esta é a casa maluca, de velas soltas ao vento, os sonhos são sua bússola*

Celso Sisto publicou pela Dimensão o título *Porque na casa não tinha chão*, onde se queixa dos empurrões que a casa dava o expulsando..

A casa sem teto, sem chão, sem parede é especial. É o maior desafio: uma construção que não o é. Na literatura infantil, o chão é o vínculo com a realidade; o teto é a proteção e a parede o confinamento. Parece até que Maria de Lourdes Coimbra em sua Caixa Casa Casa Corpo (caixa contendo poemas e desenhos de Maria do Carmo Secco) pensava neste sentido simbólico da ausência ao escrever :

PLANTA DA CASA - O ARQUITETO

chão - dá firmeza e estabilidade ao morador- é a 1a instância;

paredes -planos verticais limitando o chão- é a 2a instância; separam (nitidamente) mas permitem portas e janelas, aeração.

cantos - lugar de intercessão entre três planos, portanto sujeito a choques (perigos); o morador pode se sentir sem esperança, só, impotente, esmagado pelas linhas de força; lugar do castigo, vergonha, desespero, também do último refúgio - é a 3ª instância; as linhas se encruzilhadas se alongam em projeção infinita, por trás das paredes; de todos é o risco maior; o habitante arremessado para fora, se despedaça; jogado em direções divergentes, nunca mais se reencontrará -

teto - espaço superior, só é visto levantando-se a cabeça; ligado à idéia de luz, vôo, o mais alto pico, céu - última instância

OBSERVAÇÃO : são desnecessários e irrelevantes rodapés, sancas, umbrais, aduelas, todo o resto.

Mas isso na negação da moradia! Fora isso, a construção é trabalho e conforto:

- É bom e divertido.
- Imagine um começo que não tem nada.
- Não, tem sim: uma terra, uns paus, um monte de areia, água, uma porção de palha.
- Um forno para cozinhar, o barro dos tijolos e das telhas
- O vento soprando pra secar
- O sol ajudando
- e uma porção de gente misturando e serrando
- Batendo e pregando
- Juntando e arrumando
- Até que fica pronta uma casa para morar

(Bento que Bento é o Frade- Ana Maria Machado- Salamandra)

Claro que ao lermos o texto acima pensamos na ausência real de casa, naquele que não tem onde morar, como Roseana Murray diz *Tem gente que não tem casa, mora ao léu debaixo da ponte* (Casas- Formato) . Surge, então, o depoimento do menino, depoimento real, verdadeiro, registrado por Rosa Amanda Strauzs no seu livro *Quanta Casa* (Moderna, 98) , parte de uma coleção sobre a vida do caminhoneiro. A caminhão estava carregado de caixas vazias, e a criança se admirou exclamando *Quanta casa!* Pois seu sonho era uma caixa de geladeira duplex nova para morar. Velha ele já tinha: encontrar uma caixa novinha é que era difícil. Aqui, no contexto real, a ausência de paredes é proteção e não confinamento.

Claro que a casa de sonho, a casa da fantasia, existe em vários textos, mas, como disse no início, esta é auto explicativa. É a moradia do devaneio, é a casa na árvore.

Embora a leitura de tantos livros infantis confirme que o personagem predileto é classe média e mora em prédios com *playground*, algumas vezes o personagem é classe baixa e sua moradia é confrontada com o menino rico. Luiz Fernando Abreu em *O milagre de Natal (Paulinas 98)* compara a vida de dois personagens, vidas semelhantes de meninos da mesma idade, mas um é rico, outro pobre. Luiz Fernando não se detém apenas na comparação, mas traça um verdadeiro mapa da Barra da Tijuca, bairro da cidade do Rio de Janeiro. Tiago é o rico menino de condomínio, Zito o garoto da favela da lagoa de Marapendi. A casa de Tiago é descrita como tendo vários jardins, pomar, piscina, campo de futebol, quadra de tênis, biblioteca, sala para som e televisão além de um imenso salão de jogos. A casa de Zito é um barraco de quatro cômodos (sala, quarto, cozinha e banheiro) de tijolo e zinco. As palavras são propositadamente escolhidas para acentuar o contraste, como *palacetes, iluminação de mercúrio*. Ruas, condomínios, clubes e trajetos são nominalmente citados. É um mapa detalhado do bairro. O bairro é mais personagem do que cenário.

Outro autor que se preocupou em ocupar a residência de uma família de baixa renda foi Bartolomeu Campos de Queiroz em *Faca Afiada (Moderna)* mas o autor em determinado ponto parece esquecer da moradia de seus personagens anteriormente apontada como pequena, pobre, acanhada, e diz *Entrou em casa e atravessou o corredor e viu o pai na cozinha*, detalhe que só mesmo os olhos do pesquisador percebe. Surge um corredor passível de ser atravessado.. que corredor é esse que não cabe na história? Certamente o mesmo que o autor evoca em livros para os mais jovens, como *Indez* ou *Por parte de pai*. O seu corredor da sua infância.

7- A cidade

Um fato peculiar na nossa literatura infantil é a plausibilidade das cidades descritas. Se as casas criam asas, as velhas saem dando cambalhotas, os bichos falam, os dragões se apaixonam, as cidades são totalmente habitáveis pelos mortais.

Nossos autores, caso elejam a cidade como cenário, escolhem ou a selva de pedra ou a cidade do interior com pracinha, coreto, igreja. Coincidentemente, tanto Dileia Frate em *Procura-se Hugo*, quanto Sonia Rodrigues Mota em *Meu Amigo Trovão* (ambos da Ediouro) tratam de cães e contrastam ambientes de moradia. A primeira diz *a rua onde moro é muito tranqüila. Só existem casas e em frente à rua existe uma floresta*. Mas o cão sai de tal oásis e se perde na cidade com prédios. Enquanto isso, o cão Trovão critica a cidade grande onde vive, e a vida de correria das pessoas que habitam a cidade grande.

Murilo Cisalpino em *Tudo está sempre mudando* (Formato,98) preocupa-se com seu bairro, sabe que nele há uma escola, o pipoqueiro, a esquina da farmácia, a loja de ferragens... e vários outros espaços com funções determinadas. Embora não fale das construções de tais estabelecimentos, preocupa-se com a ocupação do terreno baldio, o terreno do jogo de bola, pois um prédio será levantado ali. Sabe que aquele terreno antigamente acolhia uma casa bem interessante, casa esta que foi demolida, e se imagina mais velho contando para filhos e netos a história de seu bairro. A cidade grande é movimento. A cidade do interior é estática.

Outra autora que se interessou pela cidade foi Ruth Rocha em *Davi ataca outra vez* (Nova Fronteira) pois abordou o tema das pichações de muro. Logo no início estabelece o cenário *A rua onde moro chama Rua do Sol*. Mesmo com um nome lírico, a cidade é a real, a de hoje. A Rua do Sol é estreitinha e sem saída. Há um portão que dá para o parque das freiras. A casa ficava na esquina, perto da padaria, da casa de Mariana. Há um supermercado. Derrubaram uma árvore e há rabiscos no muro.

Volto a citar o livro de Luiz Fernando Abreu, pois é um dos mais detalhistas em relação à cidade. Podemos reconhecer cada rua, loja do bairro da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro. Curiosamente percebemos que Bachelard em nenhum momento de seu livro *Poética do Espaço* se deteve no aspecto urbano. Fixou-se na própria residência ou em aspectos desta, como se o poeta, o escritor não se enternecesse na cidade. Talvez o realismo fixo das cidades ou sua opressão prendam os personagens, a não ser em casos de fantasia, onde cidades de gelo ou de cristal encantam a imaginação. Sem recorrer às estantes, apenas à memória, recordo-me de imediato de dezenas de livros adultos onde o enredo fantástico ocorre em cidades reconhecíveis, habitadas, endereçadas. Nossa Senhora de Lourdes faz milagres em um texto de um *best-seller*, por exemplo, mas a cidade de Lourdes ali retratada é praticamente um guia turístico.

8 - Saída

Sem espanto abrimos a primeira página de um livro qualquer e nos deparamos com a descrição de um cenário. Abrimos, digamos, Eugénie Grandet de Honoré de Balzac e lemos

Há, em certas cidades de província, casas cuja vista inspira melancolia (...). Essas características de melancolia existem na fisionomia de uma casa situada em Saumur, no fim da rua em ladeira que conduz a um castelo, na parte alta da cidade..

e prossegue chegando a detalhes de decoração como tipo de madeira do portal, ou enfeites. Basta abrirmos um livro de Agatha Christie e já sabemos que nos espera uma detalhada descrição da biblioteca onde o crime foi cometido. A literatura infantil não seria diferente: também ela muitas vezes inicia não com o famoso *Era uma vez* mas sim com a ambientação da história.

Deixando de lado a fantasia explícita das casas imateriais, lendo a recente produção nacional da literatura infantil, verificamos que os espaços físicos narrativos são banais: nossa criança literária é classe média e é moderna. Vive em prédio, conta com equipamentos incorporados aos edifícios após os anos 70, vive protegido por grades, porteiros eletrônicos, trincos e olhos-mágicos.

Nossa criança, mesmo quando não é filho único, tem seu quarto. Além deste quarto, quase sempre lemos o quarto de um dos avós e o quarto de pelo menos um dos pais.

Murilo Cisalpino, por exemplo, em *As coisas não são apenas coisas* (Formato, 98) fala de Mundinho. Aponta a janela, comenta as gavetas da sala, lembra a cozinha, o quintal, o quarto de seu avô e o quarto de seu pai. Fala do armário grande do quarto do avô, das mesinhas de cabeceira que recebem o nome de criado-mudo, e como aprende que cada objeto ali possui uma história. Este texto bem demonstra o universo que nossa literatura infantil habita, pois insere o quarto do avô com seu papel de passaporte para o passado. História de criança tem de ter colo de avô.

Mas, será que a nossa literatura confina o personagem em casa? não há ação fora de casa? Sim, há. Há um espaço confortável para nossos autores: a escola. Mas isto já é uma outra história!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABRAMOVICH, F. (1998) *Baita Irritação*, Ediouro, RJ
- ABREU, L. F. (1998) *O milagre de Natal*, Paulinas, RJ
- ALMEIDA, F. L. (1983) *O Equilibrista* Ática, RJ
- (1985) *Arquitetura da história em quadrinhos*, Martins Fontes, SP
- ASHES, R. (1983) *International literary houses*, Dragon's World Ltd., Londres
- BACHELARD, G. (?) *A Poética do espaço*, Livraria Eldorado, RJ
- BALZAC, H. (1998) *Eugénie Grandet*, Biblioteca da Folha, SP
- BRANDÃO, A. L. (1997) *Conta uma história?*, Paulinas, RJ
- 114 CARNEIRO, A. e M. ALEXIM- (1989) *Qual o caminho do Sol?*, José Olympio, RJ
- CARNEIRO, A. (1990) *O Inventor de palavras*, José Olympio, RJ
- CARVALHO, T. (1989) *O menino que tinha medo de tudo*, Melhoramentos, SP

- CISALPINO, M. (1998) a. *Tudo está sempre mudando*, Formato, BH
 _____ (1998) b. *As coisas não são apenas coisas*, Formato, BH
- CUNHA, L. (1993) *Em boca fechada não entra estrela*, Ediouro, RJ
- FRATE, D. (1997) *Procura-se Hugo*, Ediouro, RJ,
- HETZEL, G. B. (1995) *A cristaleira*, Ediouro, RJ
- JOSÉ, E. (1998) *Mundo criado, trabalho dobrado*, Ed. Atual, RJ
- JUNQUEIRA, S. (1996) *O dia em que o Super Herói visitou a minha casa*, Formato, BH
- LAGO, A. (1986) *A invasão das borboletas*, RHJ, BH
- LEITE, M. (1998) *Muito prazer, pai.*, Formato, BH
- LOBATO, M. (1959) a. *Reinações de Narizinho*, Ed Brasiliense, SP
 _____ (1959) b. *Sítio do Picapau amarelo*, Ed. Brasiliense, SP
- MACHADO, A. M. (1990) *A velha Misteriosa*, Salamandra, RJ
 _____ (1991) *O Domador de Monstros*, Salamandra, RJ
 _____ (1995) *Praga de Unicórnio*, Moderna, SP
 _____ (1992) *Bento que Bento é o Frade*, Salamandra, RJ
- MANGUEL, A. e G. GUADALUPI (1989) *Dictionary of imaginary places*.
 HBJ Books, Londres
- MARTINEZ, M. (1987) *Casa de Vó é sempre domingo*, Nova Fronteira, RJ
- MIGUEZ, F. (1998) *A cama que não lava o pé*, Difusão Cultural do Livro, RJ
- MOTA, S. R. (1997) *Meu Amigo Trovão*, Ediouro, RJ
- MURRAY, R. (1997) *Casas*, Formato, BH
- QUEIROZ, B. C. (1993) *Faca Afiada*, Moderna, SP
- ROCHA, R. (1990) *Davi ataca outra vez*, Nova Fronteira, RJ
- SISTO, C. (1993) *Assim é Fogo!*, Nova Fronteira, RJ
 _____ (1989) *Porque na casa não tinha chão*, Dimensão, BH
- STRAUZS, R. A. (1993) *Mamãe trouxe um lobo para casa*, Salamandra, RJ
- STRAUZS, R. A. (1998) *Quanta Casa*, Moderna, SP
- TOLKIEN (1977) *The Hobbit* Pavilion Books, Londres
- WERNECK, L. (1981) *Embaixo da Cama*, Melhoramentos,
- ZIRALDO- (1988) *Vovó Delícia*, Melhoramentos, SP